

DOI: 10.35643/Info.30.2.9

Dossier: Terminología en la era digital: innovación, inclusión y diversidad

A teoria de Diki-Kidiri na prática: a terminologia das parteiras tradicionais brasileiras

La teoría de Diki-Kidiri puesta en práctica: la terminología de las parteras tradicionales brasileñas

Diki-Kidiri's theory in practice: the traditional's brazilian midwives' terminology

Manuela Arcos^a ORCID: [0000-0002-2647-5341](https://orcid.org/0000-0002-2647-5341)

Cleci Bevilacqua^a ORCID: [0000-0002-1002-9080](https://orcid.org/0000-0002-1002-9080)

^aUniversidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil. Correos electrónicos: arcosmanuela@gmail.com, cleci.bevilacqua@gmail.com

Resumo

O objetivo deste trabalho é aplicar o enfoque teórico-metodológico da Terminologia Cultural (TC) de Marcel Diki-Kidiri para propor uma análise terminológica da linguagem das Parteiras Tradicionais Brasileiras (ParTra) na representação e transmissão oral dos saberes de seu ofício. As ParTra são mulheres que atuam em contextos onde a saúde pública é precária ou inexistente. Sua linguagem especializada se manifesta por expressões nomeadoras de práticas, objetos, remédios fitoterápicos e processos relacionados ao parto e à gestação. É por meio dessa linguagem que perpetuam e transmitem seus saberes. Analisamos seu discurso especializado pela ótica da TC, tomando como eixo central a noção de *percepto*: conceber o termo como uma unidade de significação enraizada no modo como uma comunidade percebe e interpreta o mundo. Partindo da premissa de que o termo é resultado da interação entre experiência e percepção dos membros de uma cultura, analisamos e categorizamos as unidades terminológicas dos saberes das ParTra. Como resultado, destacamos que adotar o enfoque da TC permitiu não apenas observar e sistematizar como um ofício se organiza por meio da transmissão oral no que se refere a técnicas, objetos e procedimentos empregados, mas também reafirmar o caráter especializado e o valor técnico dos ofícios tradicionais.

Palavras-chave: TERMINOLOGIA; TERMINOLOGIA CULTURAL; PATRIMÔNIO CULTURAL; PARTEIRAS TRADICIONAIS BRASILEIRAS.

Resumen

El objetivo de este trabajo es aplicar el marco teórico-metodológico de la Terminología Cultural (TC) de Marcel Diki-Kidiri para proponer un análisis terminológico del lenguaje de las Parteras Tradicionales Brasileñas (ParTra) en la representación y transmisión oral de los saberes de su oficio. Las ParTra son mujeres que actúan en contextos donde la salud pública es precaria o inexistente. Su lenguaje especializado se manifiesta a través de expresiones que nombran prácticas, objetos, remedios fitoterapéuticos y procesos relacionados con el parto y la gestación. Es mediante este lenguaje que perpetúan y transmiten sus conocimientos. Analizamos su discurso especializado desde la perspectiva de la TC. Tomamos como eje central la noción de *percepto*: concebir el término como una unidad de significación enraizada en el modo que una comunidad percibe e interpreta el mundo. A partir de la premisa de que el término es resultado de la interacción entre la experiencia y la percepción de los miembros de una cultura, analizamos y categorizamos las unidades terminológicas de los saberes de las ParTra. Como resultado, se pone de relieve que adoptar el enfoque de la TC permite no solo observar y sistematizar cómo se organiza un oficio a través de la transmisión oral en lo que respecta a técnicas, objetos y procedimientos empleados, sino que también reafirma el carácter especializado y el valor técnico de los oficios tradicionales.

Palabras clave: TERMINOLOGÍA; TERMINOLOGÍA CULTURAL; PATRIMONIO CULTURAL INMATERIAL; PARTERAS TRADICIONALES BRASILEÑAS.

Abstract

This paper aims to apply the theoretical-methodological approach of Cultural Terminology (CT), as developed by Marcel Diki-Kidiri, to propose a terminological analysis of the language used by Brazilian Traditional Midwives (ParTra) in the representation and oral transmission of knowledge related to their craft. ParTra are women who work in contexts where public healthcare is precarious or nonexistent. Their specialized language is expressed through terms that name practices, objects, herbal medicines, and processes related to childbirth and pregnancy. It is through their language that they perpetuate and transmit their knowledge. We analyze their specialized discourse through the lens of CT, using the notion of *percept* as a central concept—understanding the term as a unit of meaning rooted in the way a community perceives and interprets the world. Based on the premise that a term results from the interaction between experience and perception within a given culture, we analyzed and categorized the terminological units found in the knowledge systems of ParTra. As a result, we highlight that adopting the CT approach made it possible not only to observe and systematize how a craft is organized through oral transmission—regarding the techniques, objects, and procedures used—but also to reaffirm the specialized nature and technical value of traditional crafts.

Keywords: TERMINOLOGY; CULTURAL TERMINOLOGY; INTANGIBLE CULTURAL HERITAGE; BRAZILIAN TRADITIONAL MIDWIVES.

Fecha de recibido: 03/07/2025

Fecha de aceptado: 14/08/2025

1. Introdução

O Grupo Termisul (Projeto Terminológico Conesul) do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) desenvolve, desde 2021, projeto relativo ao levantamento e representação da terminologia do Patrimônio Cultural Imaterial (PCI). Seu objetivo é construir uma base de dados com os termos da área em português, espanhol, francês, inglês, italiano e russo direcionada a profissionais da mediação linguística e cultural (tradutores, intérpretes, redatores, mediadores de museus e exposições etc.) até comunidades detentoras, bem como escolar e/ou acadêmica. A base estará disponível de forma *on-line* e gratuita no *site* do grupo [\[1\]](#). A título de exemplo, trazemos alguns termos coletados no português: «salvaguarda», «comunidades tradicionais», «detentores de saberes», «Feira de Caruaru» e «A tava». Este último considerado patrimônio imaterial do Mercosul.

Da colaboração neste projeto e do contato com textos relativos a vários bens imateriais, deparamo-nos com materiais relativos às Parteiras Tradicionais Brasileiras (ParTra), tema que acabou dando origem à pesquisa de tese de doutorado que está em fase de conclusão, da qual apresentamos um recorte neste trabalho. O objetivo da tese é identificar, organizar e dar visibilidade a uma terminologia – ainda pouco recolhida, sistematizada e divulgada – que revela um conhecimento de caráter cultural e que representa os saberes e o ofício das ParTra.

As ParTra representam um dos grupos mais emblemáticos no contexto dos saberes populares e tradicionais, especialmente nas regiões rurais, ribeirinhas, indígenas e quilombolas do país. Conhecidas, entre outros termos como «mães de pegação», «comadres», «mulheres sabidas» por seu «dom» no ofício de «pegar menino», são, em sua ampla maioria, mulheres que não tiveram acesso à instrução formal, acadêmica e

institucionalizada, mas que articulam saberes e técnicas construídos a partir de experiências empíricas, da observação direta e do aprendizado comunitário e geracional.

Em seu contexto de atuação, essas mulheres desempenham um papel fundamental na assistência ao parto e no cuidado com a gestante, a parturiente e o recém-nascido, em muitos casos suprimindo as lacunas do sistema de saúde pública, sobretudo em localidades de difícil acesso. Seus saberes são transmitidos predominantemente de forma oral e experiencial, de geração em geração, com base na observação e na prática, articulando rezas, procedimentos terapêuticos, uso de plantas medicinais, conselhos e técnicas específicas do ofício. Isso faz com que a parteria tradicional constitua, hoje, um patrimônio cultural vivo, cuja continuidade depende da narrativa construída diariamente pelas trocas e convivências entre essas mulheres.

Neste sentido, as ParTra desempenham um papel fundamental na preservação de saberes ancestrais e no fortalecimento da identidade cultural das comunidades às quais pertencem. Não obstante, essa colocação relativamente abrangente deve ser ponderada no sentido de que as ParTra não constituem um bloco homogêneo de sujeitas cujos saberes são mobilizados e colocados em prática de maneira uniforme. Segundo o dossiê «Parteiras Tradicionais do Brasil» publicado pelo IPHAN (2021, p.31), existe uma diversidade étnico-racial significativa entre as ParTra, pelo qual a categoria «parteira tradicional» pode ser aplicada para agrupar essas mulheres pertencentes a contextos culturais variados.

É importante destacar que a atuação das ParTra é profundamente marcada pela diversidade cultural de cada grupo social, influenciada por cosmovisões, sistemas de crenças e recursos naturais locais. Parteiras indígenas, por exemplo, utilizam plantas e rituais específicos de suas tradições, enquanto parteiras do sertão nordestino recorrem a benzimentos e raízes medicinais. Essa pluralidade é moldada pelo ambiente geográfico, que determina tanto os elementos usados no cuidado com o parto quanto os modos de transmissão desse saber, geralmente orais e empíricos. Logo, o ofício das ParTra é um saber dinâmico, passado entre gerações e profundamente enraizado na relação com a natureza e a comunidade.

Apesar das diferenças, há também diversos pontos de convergência entre as práticas das ParTra de diferentes regiões, o que revela uma base comum construída a partir da

experiência e da observação. Técnicas como a «puxação» no Brasil e a «manteada» no México, embora distintas em sua execução, compartilham o mesmo objetivo [2]

e demonstram o caráter empírico desses saberes. Essas semelhanças não apenas atestam a eficácia das práticas tradicionais, como também sustentam o reconhecimento do ofício como uma forma legítima e especializada de cuidado, transmitida e validada ao longo do tempo em diferentes contextos socioculturais.

Em 2024, após mais de uma década de mobilização de organizações civis, grupos de pesquisa e Organizações não Governamentais, o ofício e os saberes das ParTra foram oficialmente reconhecidos como PCI do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), [3] consolidando a importância cultural, social e política dessas mulheres na construção e na preservação de identidades e práticas comunitárias no país.

Diante desse reconhecimento, estudos que recolham, sistematizem e analisem a linguagem especializada que representa e constitui o saber-fazer das ParTra têm sua relevância ainda mais evidenciada, uma vez que é também através da linguagem que essas mulheres materializam e perpetuam seus saberes e práticas. Portanto, sua terminologia torna-se um elemento central não apenas para a comunicação no contexto da prática do partejar e na transmissão de seus saberes, mas também para a compreensão das concepções de saúde, corpo, território e identidade que atravessam seu saber-fazer.

Em uma perspectiva interna aos Estudos do Léxico, ao tratar dessa linguagem como uma terminologia cultural, conforme propõe a teoria da Terminologia Cultural (TC) de Marcel Diki-Kidiri, nossa pesquisa busca colocar em evidência que o conhecimento transmitido oralmente em comunidades ditas tradicionais possui caráter especializado, sendo passível de análise e representação terminológica. Em uma perspectiva externa, entendemos que sistematizar esse tipo de terminologia pela abordagem da TC permite valorizar e dar visibilidade a saberes tradicionais por vezes ignorados pelo conhecimento hegemônico acadêmico. Entendemos, também, que propor a sua salvaguarda na forma de registro como PCI pelo IPHAN, oferece instrumentos para subsidiar a elaboração de políticas públicas e ações de valorização do ofício e das sujeitas que detém esses saberes. Deste modo, nossa pesquisa propõe estabelecer um diálogo produtivo entre teoria e empiria ao

buscar aproximar a teoria da TC da prática concreta de descrição e representação dos saberes das ParTra, destacando a importância de reconhecer e tratar a linguagem tradicional como uma linguagem especializada no contexto do PCI.

As especificidades das ParTra enquanto coletivo de saber se materializam, sobretudo, no discurso empregado pelas parteiras na representação de seu ofício. Por isso, a fim de reforçar o caráter especializado do âmbito de saber da parteria tradicional sob a ótica dos Estudos da Linguagem e da Terminologia, buscamos em nosso estudo aplicar a teoria da TC (Diki-Kidiri, 2008) para analisar a constituição terminológica do discurso especializado das parteiras.

A fim de apresentar a teoria de Diki-Kidiri (1999a e b, 2007, 2008, 2009) aplicada ao nosso estudo, organizamos o presente trabalho da seguinte forma: nesta seção de introdução contextualizamos o grupo das ParTra como patrimônio cultural imaterial, como detentoras de um saber-fazer e como uma comunidade discursiva. Em seguida, apresentamos a abordagem da TC de Diki-Kidiri e discutimos sua aplicação para pensar a terminologia dos saberes. Na sequência, a partir desse escopo teórico, explicamos brevemente, a metodologia de construção do *corpus* oral que nos permitiu observar a linguagem da parteria tradicional brasileira e, posteriormente, apresentamos uma breve análise e discussão acerca dos dados identificados. Por fim, encerramos com algumas considerações finais sobre a pesquisa.

2. A Teoría da Terminologia Cultural de Diki-Kidiri

Marcel Diki-Kidiri, ao final dos anos 90, apresenta a proposta da TC a partir de suas experiências de criação e implementação de termos em línguas africanas. Sua observação parte de um contexto específico que são comunidades africanas cujas línguas locais devem incorporar as terminologias das novas tecnologias vindas do exterior. A proposta da TC apresenta, então, dois principais objetivos: primeiro, o de contribuir para o desenvolvimento de uma teoria terminológica que leve em conta a diversidade cultural e que busque salvaguardar as necessidades de identidade das diferentes comunidades; segundo, o de desenvolver uma metodologia que esteja de acordo com a elaboração,

produção e implementação das terminologias para uma promoção efetiva das línguas e das culturas africanas (Diki-Kidiri, 2009 [4]).

Seu ponto central de reflexão é a comunidade local e sua cultura. É a visão de mundo e a identidade dessa comunidade que definirá tudo aquilo que nomeia, caracteriza e classifica. A reflexão do autor parte dos desafios enfrentados na tentativa de instrumentalizar as línguas africanas para que expressassem realidades modernas que não eram proeminentes, ou que sequer existiam, nas culturas tradicionais africanas.

Apesar dessas novas realidades, a visão de mundo e os conhecimentos tradicionais das comunidades estão em relação permanente e dialética com os novos conhecimentos adquiridos, os quais se somam aos tradicionais e os renovam. Conforme o autor (Diki-Kidiri, 2009, p. 2, tradução das autoras [5]), «Assim que é incorporada à cultura, a nova realidade perde seu caráter de novidade para ampliar as bases de experiências e conhecimentos da matéria coletiva e converter-se também em um arquétipo que pode ser explorado para novas apropriações».

Ao colocar a cultura como centro de sua proposta, define-a como

[...] conjunto das experiências vividas, das produções realizadas e dos conhecimentos gerados por uma comunidade humana que vive em um mesmo espaço e em uma mesma época. Isto significa que existe, por um lado, uma diversidade de culturas tanto no espaço como no tempo e, por outro, uma parte importante da cultura que permite às diversas experiências e aos diversos conhecimentos sedimentar-se nos arquivos da memória coletiva [referências simbólicas]. (Diki-Kidiri, 2009, p. 2, tradução das autoras [6]).

A partir da reflexão sobre as possíveis formas de nomear as novas realidades em línguas africanas, a abordagem teórico-metodológica da TC coloca em pauta a discussão inevitável acerca da complexidade da natureza da unidade terminológica – o termo. Incorporando muitos dos princípios comunicativos, cognitivos e sociais que norteiam teorias anteriores, como a Teoria da Socioterminologia (Gaudin, 1993), a Teoria Sociocognitiva da Terminologia (Temmermann, 2004) e a Teoria Comunicativa da Terminologia (Cabré, 1999), Diki-Kidiri organiza diferentes noções sobre língua, discurso, unidade terminológica, significado e conceito para estruturar a TC. Sintetizamos, em forma de itens, algumas dessas principais noções da TC, a partir de publicações do autor (Diki-Kidiri, 1999a, 1999b, 2007, 2008, 2009).

- A língua é um veículo de transmissão do conhecimento, e seu desenvolvimento depende também da criação e implementação de terminologias, principalmente em países que importam ou recebem produtos, tecnologias e saberes de outros países e precisam reconceitualizar os termos recebidos de outra língua para propor, incorporar e implementar termos próprios e, desta forma, dar conta dos novos conceitos.
- A TC propõe, no entanto, que a comunicação dentro dos campos do saber seja chamada de “discurso de especialidade” em lugar de “língua” de especialidade. A incorporação das novas terminologias que alimentam esses discursos de especialidade parte de uma visão cultural que coloca no centro do debate os conhecimentos e a realidade de uma comunidade e de que forma eles são articulados para a tarefa de reconceitualizar, denominar e fazer circular novos objetos e saberes na língua padrão/geral, isto é, para além dos discursos e âmbitos especializados.
- Para dar conta da complexidade da natureza do termo, é preciso considerar, além do significado e do significante, constituintes prototípicos do signo linguístico, também o seu significado; o autor propõe, então, que o termo, sob o enfoque cultural, seja analisado por três constituintes: significante, conceito e significado e pela noção de *percepto*.
- No eixo do significante são tratadas as questões relacionadas à materialidade do termo, ou seja, aspectos sobre formação de palavras, elementos formativos, radicais, homonímia, sinonímia e neologia.
- O conceito concentra os aspectos referentes à cognição e à natureza do conhecimento; uma representação mental ideal, essencial e objetiva, apresentando um caráter universal e independente de contextos culturais específicos. Levando em conta a natureza cognitiva do conceito, o autor defende que ele pode ser associado à noção de *arquétipo*, isto é, a ideia principal ou o conjunto de características estruturantes de um objeto ou de uma classe de objetos. Em uma perspectiva cognitiva, o conceito é construído a partir de uma organização mental da experiência humana, funcionando como base para categorizar e compreender objetos, sejam eles mais ou menos abstratos.
- Por sua vez, o significado é mais subjetivo, pois abarca a construção de sentido conforme as diferentes percepções culturais de determinada comunidade.

Consequentemente, pode variar de uma cultura para outra ao longo do tempo, ou, inclusive, apresentar variações dentro de uma mesma cultura. Enquanto o conceito aponta para o arquétipo, o significado representa a percepção cultural que, por sua vez, aponta para o conceito, mas sem necessariamente incluir a totalidade dos elementos estruturais desse arquétipo.

- O *percepto* permite diferenciar o significado e o significante como uma noção intermediária entre ambos, uma espécie de “ponto de ancoragem cultural” (Diki-Kidiri, 1999a, p. 579), posto que ele não é equivalente ao conceito nem ao significado, mas é uma espécie de conexão entre ambos. O *percepto* é o que permite que um conceito seja apreendido sem necessariamente ser reconstruído em sua totalidade, e essa apreensão varia conforme a cultura, refletindo diferentes formas de perceber e de nomear objetos e ideias. [7]

- O acionamento do *percepto* no processo de nomear ideias em uma perspectiva do discurso especializado desempenha um papel essencial para garantir que os termos sejam culturalmente “apropriados”. Considerar o *percepto* como fenômeno envolvido no processo de concepção de termos é fundamental para o trabalho de tradução e adaptação de termos em contextos multiculturais.

- A terminologia tem, portanto, uma finalidade utilitária e pragmática e, ao estar ancorada na cultura, no saber e no saber-fazer das comunidades, passa a ser um elemento impulsionador do desenvolvimento da língua, da educação e dos conhecimentos, constituindo-se, conforme nomeia o autor, em uma «terminologia para o desenvolvimento».

Podemos sintetizar sua proposta a partir da seguinte afirmação do autor:

[...] a abordagem cultural da terminologia, que parte de uma investigação dos valores locais, é o método que possibilita o melhor desenvolvimento simultâneo da língua, da cultura, do conhecimento e das práticas, minimizando ao máximo os riscos de desconexão com a comunidade. A essa terminologia conectada a uma cultura específica, dá-se o nome de *terminologia inculturada*” (Diki-Kidiri, 1999b, p. 9 da tradução).

De forma complementar, Luís Fernando Lara (1999), ao realizar um estudo sobre a adoção de termos da Psicanálise freudiana para o francês e o espanhol, constata que se destaca a perspectiva hegemônica da ciência e de suas terminologias em detrimento de uma terminologia arraigada à cultura e, em geral, não reconhecida pela sociedade:

[...] o vocábulo tornou-se termo técnico, mas sempre tendo como base seu significado ordinário, o que significa dizer que o termo técnico não é uma elaboração verbal alheia aos processos de significação das línguas comuns e, nessa medida, é impossível afastá-lo da cultura [...]. O vocabulário quechua da agricultura foi construído da mesma maneira, mas o que o distingue do da Psicanálise é a pretensão universalista da ciência ocidental, ao passo que o do quechua se manterá como própria de uma espécie de etnoterminologia enquanto não atrair o interesse especializado moderno (Lara, 1999, p. 52, tradução das autoras [8]).

Partindo dos princípios da TC e buscamos estabelecer um deslocamento dessa «pretensão universalista da ciência ocidental», como diz Lara, para compreender de que forma comunidades discursivas especializadas excluídas pela ciência hegemônica, como é o caso das ParTra, organizam e nomeiam seus saberes.

3. Terminografia de uma tradição oral: construção do *corpus* de estudo das ParTra e categorização dos termos

Baseamos nosso método de trabalho na metodologia da TC (Diki-Kidiri, 2008), organizada em seis etapas, conforme sistematiza Diagne (2022):

1. A primeira etapa situa o **contexto** de uma necessidade social do trabalho terminológico, o que supõe a delimitação da *escala* social (cooperativa, cidade, estado, etc.), o *setor* de atividade (área ou subárea; p. ex. agricultura, doenças do gado, etc.) e a definição dos *objetivos* do projeto no âmbito estabelecido para identificar os interlocutores (usuários e função);
2. A segunda etapa estabelece uma **lista de termos** de acordo com o objetivo visado;
3. A terceira etapa diz respeito à **conceitualização**, a qual consiste em fazer pesquisas para delimitar um conceito e compreendê-lo conforme o ponto de vista da língua-fonte, o que pressupõe levar em conta aspectos históricos, semânticos, usos, perspectiva sincrônica e diacrônica, etc;
4. A quarta etapa consiste na **reconceitualização**: uma reapropriação do conceito na cultura da língua-alvo, isto é, a construção de um novo ponto de vista;

5. A quinta etapa enfatiza a dimensão colaborativa de um trabalho terminológico com vistas à **planificação**, em que será necessário chegar a uma triagem e depois escolher um termo consensual para a comunidade linguística e cultural;
6. A última etapa diz respeito à **implantação de termos normalizados**.

Cabe destacar que essa organização de etapas é uma espécie de espelho das necessidades que foram observadas pelo enfoque da TC no manejo das terminologias criadas no contexto africano a partir da incorporação de novas tecnologias chegadas do exterior. Por isso, os autores propõem etapas como 5 e 6, as quais visam à planificação e escolha de termos consensuais, assim como à normalização. Além disso, há uma preocupação com a reconceitualização de termos e conceitos considerando uma língua-fonte que é estrangeira, de onde essa nova realidade tecnológica advém.

No caso da linguagem das ParTra, há etapas dessa metodologia proposta que não se aplicam ao nosso trabalho. Conforme dito anteriormente, nosso objetivo de pesquisa é analisar e sistematizar de que forma as parteiras utilizam a linguagem na organização e repasse de seus saberes. Nosso trabalho não tem um viés planificador nem normalizador, posto que nosso propósito é de observação, análise e registro do discurso desses saberes com uma finalidade de visibilidade e salvaguarda da terminologia utilizada por elas.

Por outro lado, a etapa 4, de reconceitualização, não aplicamos em nosso trabalho pelo caminho da reapropriação de conceitos considerando uma cultura de língua-fonte e outra de língua-alvo. No entanto, esse percurso metodológico serve à nossa pesquisa no sentido de pensar o contato e as reconceitualizações existentes entre a linguagem das ParTra como língua-alvo e a linguagem biomédica normalizada como língua-fonte de certos termos empregados pelas ParTra (como *placenta*, *pinard* etc.).

Adotando como referência a metodologia proposta pela TC, nos limitamos a desenvolver as quatro primeiras etapas, tendo em vista o recorte e os objetivos do nosso estudo. Para analisar o discurso das ParTra e observar de que forma organizam seus saberes pela linguagem, compilamos *corpora* textuais que nos possibilitaram chegar às terminologias desse saber. Nesse sentido, como para qualquer área do saber, é importante estabelecer critérios que dialoguem de maneira efetiva com a natureza da linguagem que se pretende

analisar e que se ajustem à finalidade do trabalho proposto, tal como previsto na primeira etapa metodológica da TC (Diki-Kidiri, 2008 *apud* Diagne, 2022).

Sabemos que a tradição metodológica dos estudos em terminologia e terminografia está marcada pelo uso de grandes *corpora* textuais de natureza acadêmica, oriundos de fontes confiáveis e produzidos por sujeitos especialistas em contextos formais especializados, acadêmicos e profissionais. O objetivo é que os *corpora* funcionem como uma espécie de espelho da linguagem que os sujeitos especialistas empregam na representação do conhecimento. No nosso percurso metodológico, essa realidade nos levou a, em um primeiro momento, compilar um *corpus* com textos acadêmicos sobre a temática da parteria tradicional. Apesar dos critérios bem estabelecidos na compilação do *corpus* acadêmico e de ter sido possível chegar a certas terminologias utilizadas pelas ParTra, observamos que os resultados eram insuficientes, uma vez que os especialistas daqueles textos não eram as parteiras, mas os pesquisadores acadêmicos (da área das Ciências Sociais, Antropologia, História e das Ciências Biológicas, Medicina, Enfermagem) que versavam sobre o tema das ParTra. Desta forma, quando termos empregados por parteiras na conceitualização de seus saberes apareciam registrados, isso ocorria de maneira indireta, isto é, por meio do discurso dos autores dos textos.

Compreendemos, então, que aplicar esses métodos tradicionalmente estabelecidos nos estudos da Terminologia para chegar a termos de ciências historicamente consolidadas no âmbito científico-acadêmico, cujos sujeitos são reconhecidos como autoridades de saber a partir de suas produções acadêmicas, não necessariamente seria eficiente e suficiente para trabalhar com os saberes de uma comunidade discursiva com as especificidades históricas, sociais, culturais e econômicas como das ParTra, cujos saberes são transmitidos sobretudo oralmente de maneira geracional.

Entendemos que esse percurso metodológico tradicionalmente desenvolvido nos estudos terminológicos é um fato que reflete uma concepção hegemônica de ciência e área de conhecimento, tal como apontado anteriormente na citação de Lara (1999). No entanto, por meio da nossa pesquisa buscamos justamente propor uma ruptura com essas concepções e mostrar que existem áreas de conhecimento igualmente organizadas em práticas especializadas que transcendem a hegemonia científica ocidental e que

dispensam a necessidade de um saber baseado no registro escrito para sua reprodução e desenvolvimento.

Considerando esse cenário, decidimos que o mais adequado seria compilar um *corpus* oral, [9] seguindo também a proposta da TC, para chegarmos ao conjunto de termos que realmente representam os saberes e o ofício das ParTra. Por conseguinte, construímos, um *corpus* formado por vídeos (entrevistas, documentários, reportagens, curtas-metragens) com as ParTra brasileiras, disponíveis em domínio público na plataforma YouTube, em revistas acadêmicas e de divulgação científica e em *sites* de instituições como o Museu da Parteira [10] e o Grupo Curumim [11].

Esses vídeos foram transcritos, revisados e catalogados. No final desse processo, obtivemos um *corpus* oral composto por 54 vídeos transformados em arquivos de áudio (.mp3) e transcritos em arquivos de texto (.txt), totalizando 11h09min (669 minutos) e 85.749 mil palavras, aproximadamente.

Para a extração dos termos das ParTra, utilizamos a ferramenta *Sketch Engine* [12] e como *corpus* de contraste o *corpus* coPEP, que está conformado por textos acadêmicos de diferentes áreas do conhecimento. É, por conseguinte, um *corpus* marcado por uma alta densidade terminológica, o que permitiu que as palavras empregadas pelas parteiras com valor especializado — embora muito frequentes na língua geral — fossem recuperadas com um índice de chavicidade [13] maior. Além da escolha do *corpus* de referência, aplicamos os seguintes parâmetros para a extração dos candidatos a termos: mínimo de 2 ocorrências e aplicação de uma lista de exclusão contendo artigos, preposições, pronomes, etc., como forma de limpar ruído. Ao final do processo, obtivemos 1874 candidatos a termos simples e sintagmáticos.

Nesta etapa, também aproveitamos o *corpus* acadêmico das ParTra [14] para a extração de contextos de uso ou definitórios como suporte para o *corpus* oral, com o propósito de complementar as informações do *corpus* oral, de modo a reforçar o caráter especializado desses termos e seu uso frequente na organização dos saberes do ofício.

Realizamos a seleção terminológica, a análise e a categorização dos termos de forma concomitante. Deste modo, os candidatos a termos foram organizados em uma planilha

contendo informações de frequência no *corpus* oral, chavicidade (*score*), contexto de uso ou contexto definitório no *corpus* oral e frequência no *corpus* acadêmico. A partir dessas informações e da análise dos contextos de uso, conseguimos chegar a uma classificação de todos os termos (aproximadamente 300 termos) em sete categorias: *sujeitos, saber-fazer, saberes do corpo, saberes de plantas, instrumentos, rituais e território/paisagem*.

Chegamos a essas categorias a partir de agrupamentos semânticos que observamos com a aproximação da área das ParTra. Conforme analisávamos seu discurso, observávamos que os termos empregados por elas para se referir ao seu ofício relacionavam-se com algum desses sete grupos, conforme detalhamos na seção seguinte.

4. A Terminologia Cultural aplicada ao âmbito do Patrimônio Cultural Imaterial: o discurso especializado das Parteiras Tradicionais

A análise que desenvolvemos neste trabalho consiste na aplicação dos quatro primeiros passos da metodologia proposta por Diki-Kidiri (2008, *apud* Diagne, 2022) de modo a colocar em prática na análise terminológica os pressupostos teóricos da TC. A fim de organizar a análise e a demonstração dos dados, separamos esta seção em três subseções. A primeira seção corresponde aos passos 1 e 2 (contextualização e listagem de termos), a segunda corresponde ao passo 3, conceitualização e, por fim, a terceira corresponde ao passo 4, reconceitualização.

4.1 Contexto discursivo e seleção terminológica

Em um primeiro momento da nossa análise, buscamos aplicar os dois primeiros passos metodológicos da TC propostos por Diki-Kidiri (*apud* Diagne 2022) descritos anteriormente: **situar o contexto e estabelecer uma lista de termos da parteria tradicional**.

Conforme explicamos na metodologia, estabelecer o contexto histórico, social, cultural do discurso das ParTra e as suas especificidades foi fundamental para chegarmos a um desenho de *corpus* de estudo que nos permitisse identificar os termos que representam o saber-fazer do seu ofício utilizados em seu discurso. No quadro 1, apresentamos brevemente a contextualização do nosso objeto de pesquisa conforme proposto por Diki-Kidiri.

Quadro 1: Contextualização do objeto de estudo segundo a metodologia da TC

Parteria Tradicional	
Delimitação da escala social	A atuação das ParTra brasileiras é de abrangência nacional, muito embora as parteiras de diferentes regiões possam apresentar diferenças na forma de conceitualizar, comunicar e praticar seu saber-fazer.
Setor de atividade	Área: Saúde. Subárea: saúde da mulher. Cabe destacar que as ParTra cumprem em muitos lugares funções equivalentes às de agentes de saúde pública, uma vez que acompanham não somente o parto, mas também os períodos de gestação e pós-parto.
Definição dos objetivos do projeto (interlocutores, usuários, função)	Recolher a terminologia presente no discurso essencialmente oral das ParTra representativa dos saberes e práticas do seu ofício, com vistas à sua categorização, registro e salvaguarda.

Fonte: As autoras

Segundo mencionamos na metodologia, a análise global do discurso dessas sujeitas e dos termos empregados por elas permitiu que chegássemos a um desenho de estrutura conceitual do âmbito formado por sete categorias: sujeitos, saber-fazer, saberes do corpo, saberes de plantas e alimentos, instrumentos, rituais e território/paisagem.

Cada uma dessas categorias abarca termos que representam um núcleo de saber do ofício. Todos os termos que identificamos (aproximadamente 300 unidades terminológicas) se organizam conceitualmente nessa estrutura de categorias, permitindo chegar a um desenho de árvore de domínio que busca representar a parteria tradicional. No Quadro 2, trazemos uma síntese das categorias e apresentamos alguns exemplos de unidades terminológicas do discurso das ParTra.

Quadro 2: Categorização terminológica do discurso das ParTra

Categoria	Descrição	Exemplos
Sujeitos	Indica as pessoas envolvidas no ofício da ParTra e no parto tradicional enquanto evento familiar/comunitário.	«mãe de umbigo», «comadre», «filho de pegação».
Saber-fazer	Verbos, nominalizações, substantivos abstratos e adjetivos que representam as ações do ofício, bem como formas de manejo nas ações do ofício.	«pegar menino», «arrumação», «puxar», «endireitar», «coroar», «ombro enganchado».
Saberes do corpo	Partes do corpo da mulher e do bebê relativos à gestação e ao parto.	«quarto», «carne» «morta», «cordão», «laço».
Saberes de plantas e alimentos	Incluem ervas, chás e alimentos que as parteiras empregam em seu ofício com uma determinada função.	«garrafada», «tiú», «palha de milho», «barbatimão».
Instrumentos	Objetos diversos utilizados para determinada função no ofício e que não são naturais.	«rudia», «lençol», «tesoura», «linha zero».
Rituais	Representam crenças e cerimônias das parteiras no momento do parto.	«defumar», «benzer».
Território/paisagem	Termos referentes aos espaços físicos e simbólicos de atuação dos diferentes sujeitos envolvidos no ofício.	«comunidade», «casa», «aldeia», «hospital», «horta».

Fonte: as autoras.

4.2 Conceitualização de termos do discurso da parteria tradicional

Em um segundo momento do nosso percurso de análise dos termos selecionados, buscamos aplicar a etapa 3 da metodologia proposta pela TC: a conceitualização terminológica, que, segundo já apontamos, refere-se ao processo de delimitação e compreensão de um conceito conforme o ponto de vista da língua-fonte considerando aspectos semânticos, pragmáticos e temporais.

A perspectiva da língua-fonte e língua-alvo não se aplica para analisar o discurso das ParTra porque, como explicado anteriormente, não se trata de um saber que se desenvolve em outra cultura fonte e logo é absorvido por uma cultura alvo. Apesar disso, a metodologia da TC que coloca no centro do debate o aspecto histórico, cultural e pragmático constitui um arcabouço teórico-metodológico que nos ajuda a constatar o valor especializado, e, consequentemente, terminológico de unidades linguísticas do discurso das parteiras na organização de seus saberes.

Em primeiro lugar, na análise da conceitualização dos termos da parteria tradicional, observamos que os termos empregados pelas ParTra são palavras comumente usadas na língua geral mas que, na conceitualização do saber-fazer do ofício, adquirem um valor especializado e cumprem uma função de nomear um núcleo de saber dentro de uma estrutura conceitual.

Tomando o caráter triplo do termo conforme a TC, podemos observar a noção de *percepto* em termos empregados pelas ParTra. Por exemplo, elas utilizam o termo «menino laçado» para referir-se ao bebê que nasce com o cordão umbilical envolto no pescoço. Se retomarmos a noção de *percepto* enquanto um eixo intermediário e de conexão entre o significante e o significado, podemos constatar que, nessas terminologias, a ancoragem cultural participa do modo com o qual as ParTra nomeiam e significam as terminologias em seu discurso.

Podemos considerar que o termo «menino laçado» está enraizado na forma como a comunidade cultural das ParTra, atuantes em seus ambientes imediatos normalmente rurais e afastados dos centros urbanos, percebem e interpretam seu entorno. Assim, o elemento que motiva a escolha do significante está associado ao elemento de uso comum da vida rural – o laço – e sua função na lida dos animais. Há, portanto, uma metáfora estabelecida entre o cordão umbilical como laço.

Do mesmo modo, constatamos o uso do termo «tripa do umbigo» para referir-se ao cordão umbilical, o qual estabelece uma semelhança entre o aspecto do cordão umbilical com uma «tripa», nome popularmente usado para referir-se ao intestino. Outros termos como «despachar», que significa o ato de expulsar a placenta após o parto, ou «fecho» como forma de se referir ao canal de parto ou ao colo do útero, também podem estar motivados

por outras ancoragens culturais de significados dessas palavras. Por exemplo, no candomblé, religião de matriz africana, «despachar» significa enviar algo ruim para os orixás (divindades) por meio de oferendas e fazendo pedidos para o futuro. [15] O substantivo «fecho», por sua vez, é utilizado popularmente para indicar a parte que finaliza alguma coisa, o remate, o acabamento [16] – neste contexto, metaforicamente referindo-se ao canal de parto como trajeto de encerramento do parto.

A motivação para a escolha desses significantes («menino laçado», «despachar», «fecho») e seus respectivos significados no discurso das parteiras, pode ser resultado da interação entre a experiência e a percepção dessas sujeitas em relação ao ambiente e à cultura nos quais estão inseridas, o que corresponde à noção de *percepto*.

4.3 Reconceitualização de termos: parteria tradicional e obstetrícia

Em um terceiro momento da nossa análise, buscamos observar processos de reconceitualização de termos no discurso das ParTra. Como já indicado, a reconceitualização exige que um saber se desenvolva primeiramente numa cultura fonte para, em seguida, ser absorvida e reconceitualizada em uma cultura-alvo (Diki-Kidiri, 2008). Contudo, os saberes das ParTra existem e persistem nas narrativas orais das sujeitas envolvidas no ofício desde antes do desenvolvimento da obstetrícia enquanto área acadêmica. Essa noção se reforça ainda mais quando observamos que muitos desses termos, conceitualizados pelas ParTra empregando palavras da língua geral, apresentam uma correspondência a termos normalizados pela biomedicina, com significantes cuja proposição surge de um contexto acadêmico, formal, seguindo o percurso onomasiológico dessas terminologias normalizadas.

Para compreender por que há uma espécie de ausência de reconceitualização de termos advindos da obstetrícia enquanto âmbito formal/institucional no discurso das ParTra, é importante contextualizar historicamente o surgimento e formação de ambas as áreas – obstetrícia e parteria tradicional. Diferentes estudos demonstram que a obstetrícia estruturou-se sobre os conhecimentos e as práticas que já existiam secularmente sobre o parto a partir dos saberes das mulheres que eram responsáveis pelo ofício.

La Cruz (2023, p. 19-21) explica que, durante séculos, o cuidado com a gestação, o parto e o pós-parto era conduzido principalmente por mulheres que dominavam conhecimentos tradicionais transmitidos entre gerações. Cada grupo cultural tinha suas próprias práticas, e parteiras – inclusive indígenas – desempenhavam papel central nesses processos muito antes da chegada dos colonizadores.

Porém, com a independência do Brasil e a busca por modernização no século XIX, essas práticas começaram a ser desvalorizadas. A Medicina passou a se consolidar como campo oficial do saber, e os médicos, alinhados ao Estado, ganharam prestígio com a criação das primeiras faculdades de medicina em 1832. Nesse contexto, o saber popular das parteiras passou a ser visto como ultrapassado ou perigoso.

Foi criado então um «curso de partos» para mulheres, com o objetivo de padronizar a formação das parteiras dentro dos moldes médicos e higienistas da época. O curso impunha critérios seletivos rígidos, como saber ler e escrever, pagar taxa de matrícula e, inclusive, apresentar atestado de «bons costumes». As alunas deveriam ser jovens e de famílias com melhores condições financeiras, o que excluía muitas mulheres que já atuavam como parteiras. O curso tinha dois anos de duração e combinava teoria e prática – esta última, em partos de mulheres escravizadas.

A formação médica buscava, além de ensinar, controlar e limitar a atuação das parteiras, especialmente para impedir a concorrência com os médicos. Com o avanço da medicina oficial e a valorização dos saberes científicos, as parteiras perderam espaço. Em 1882, um decreto restringiu ainda mais sua atuação, permitindo que atuassem apenas durante o parto. A formação tradicional foi sendo desacreditada, e o número de parteiras diminuiu. Ao mesmo tempo, o parto foi sendo transferido do ambiente doméstico para os hospitais, com maior uso de tecnologias e intervenções médicas. No início do século XX, o Estado criou instituições específicas para partos, como a Maternidade Escola de Laranjeiras (1904) e a Pró-Matre (1918), reforçando a medicalização do nascimento e afastando ainda mais as parteiras tradicionais do processo.

La Cruz explica a ação do Estado, associando o movimento higienista à noção de progresso:

[...] o recém-independente Brasil ansiava por avanços e as ciências médicas eram um recurso de destaque no plano de progresso da nação. A atuação popular das parteiras, por outro lado, representava um empecilho – e foi, pouco a pouco, deslegitimada. (La Cruz, 2023, p. 21)

Evidentemente a trajetória histórica do cuidado do parto sendo, de certa forma, «interrompida» e marginalizada pelo surgimento da obstetrícia, impacta na forma como os discursos especializados da parteria tradicional se mantiveram ao longo do tempo. Observamos, pela linguagem, que houve pouca ou quase nula fusão da obstetrícia e da parteria tradicional. Tampouco a obstetrícia funcionou como «cultura fonte» para a parteria tradicional, sobretudo por ser a obstetrícia uma ciência mais recente que o ofício do parto.

Uma vez deslegitimadas pelo processo do parto hospitalar e afastadas dele, as ParTra não tiveram de reconceitualizar novos saberes vindos da obstetrícia, sobretudo, porque se tratava de um ofício que já existia de forma orgânica desde tempos remotos. Essa realidade é percebida pela equivalência conceitual/cognitiva entre termos da parteria tradicional e da obstetrícia, conforme o quadro 3 exemplifica.

Quadro 3: termos da parteria tradicional e da obstetrícia

Discurso da parteria tradicional	Discurso obstétrico	Conceito [17]
resguardo	puerpério	Período de 40 dias após o parto, também conhecido por pós-parto.
carne morta	placenta	Órgão responsável pelo suprimento de sangue, nutrientes e oxigênio para o bebê, que é formado durante a fase inicial da gestação e sai do útero depois do nascimento do bebê.
tripa do umbigo	cordão umbilical	Feixe vascular em forma de cordão, que liga o feto à placenta e lhe assegura a nutrição, no período da gestação. [18]
menino laçado	circular de cordão	Quando o cordão umbilical faz uma ou mais voltas ao redor do pescoço do bebê.
fecho	canal de parto	Caminho percorrido pelo bebê desde o útero até a vulva, durante seu nascimento.
	colo do útero	Parte inferior do útero, que o separa da vagina e que

		deverá dilatar 10 cm para o nascimento do bebê.
--	--	---

Fonte: as autoras

Percebemos que a exclusão dos saberes e das práticas tradicionais fez com que não houvesse uma verdadeira integração entre ambos os campos, de modo que o desenvolvimento contínuo e a manutenção do discurso especializado das ParTra e da obstetrícia se mantiveram, de modo geral, independentes um do outro.

Por fim, trazemos um último exemplo que também vai ao encontro da reflexão sobre a ausência de reconceitualização é o caso do termo «pinard». O pinard é um objeto de madeira utilizado para auscultar o coração do bebê e foi inventado por um obstetra francês no século XIX, Adolphe Pinard.

Observamos que as ParTra utilizam esse instrumento e também o termo que o nomeia tal como ele é utilizado em contextos acadêmicos e formais. Diki-Kidiri (2008, p.102), ao tratar da adoção de termos técnicos propostos por especialistas, diz que

É nessa mesma lógica que se adotam sem discussão os termos técnicos propostos por um grande especialista em seu domínio, porque ele sabe do que está falando e todos reconhecem isso. Quer seja fixada por um eminente especialista, por uma comunidade de especialistas ou ainda por uma instituição nacional ou organização internacional, a norma terminológica visa sempre garantir a excelência da comunicação especializada, por meio de uma precisão máxima que se espera alcançar através de uma definição biunívoca dos termos. A busca pela máxima qualidade da comunicação é um objetivo central da terminologia e, por si só, justifica o estabelecimento de normas denominativas e conceituais. Pode-se, portanto, considerar que, na terminologia, como em muitos outros domínios, a norma é uma referência social definidora de excelência. (Diki-Kidiri, 2008, p.102, tradução e grifos das autoras). [\[19\]](#)

Observa-se que o discurso da parteria tradicional de alguma forma «absorveu» esse termo de uma cultura fonte (que podemos pensá-la como o campo da obstetrícia) sem a necessidade de reconceitualizá-lo. Podemos analisar a manutenção do termo no discurso das ParTra por duas óticas:

- a) por um lado, a adoção do termo original pode seguir a lógica indicada por Diki-kidiri na citação anterior (2008, p.102): tendo em vista a descredibilização das parteiras ao longo do tempo, adotar sem discussão um termo técnico proposto por um «grande

especialista» pode ser interpretado como sinônimo de igual domínio daquele saber ou técnica;

b) por outro lado, a manutenção do termo pode ser interpretada como resultado da falta de contato entre discurso biomédico e tradicional tendo em vista os movimentos históricos que mencionamos anteriormente, de modo que não houve espaço para uma reconceitualização pela falta de um contato direto e estruturado entre as duas áreas – parteria tradicional e obstetrícia –, resultando apenas na adoção do termo por parte das ParTra em função dos aspectos citados em (a).

Uma vez encerrada nossa breve análise dos termos constitutivos do discurso das ParTra a partir da proposta teórico-metodológica da TC, concluímos a discussão com algumas considerações finais, destacando os principais aspectos observados em nosso estudo.

5. Considerações finais

Nosso trabalho teve como principal objetivo aplicar o escopo teórico-metodológico da TC ao estudo do discurso especializado e das terminologias das ParTra brasileiras. A partir desse objetivo e da análise apresentada, destacamos as principais considerações finais que julgamos pertinentes para concluir a discussão realizada:

- Analisar uma linguagem de saberes cuja transmissão e manutenção se dá, principalmente, pela oralidade, demanda do estudo terminológico uma mudança de foco para a oralidade dos sujeitos portadores desse saber, colocando em plano secundário as produções acadêmicas sobre o tema.

- É fundamental o desenho de um *corpus* oral que represente a voz desses sujeitos e a aplicação de critérios rigorosos para sua construção e revisão. Neste trabalho, a construção do *corpus* oral das ParTra, cujo conteúdo consiste na narrativa das próprias parteiras sobre suas memórias, seus saberes e suas práticas, permitiu a extração de termos utilizados por essa comunidade discursiva, uma proposta metodológica que pode ser replicada em pesquisas futuras.

- A proposta teórico-metodológica da TC de Diki-Kidiri se mostra uma abordagem produtiva para o estudo de discursos especializados cuja constituição está enraizada em

grupos culturais específicos que transcendem o espaço acadêmico-científico da cultura hegemônica. Ao mesmo tempo, a factibilidade de observar os termos das ParTra sob a ótica dos princípios da TC, permite reafirmar o caráter especializado desses discursos.

- A análise dos termos identificados no *corpus* oral das ParTra reforça o caráter constitutivo triplo do termo sob o enfoque da TC: significante, significado e percepto. A observação dos termos das ParTra por essa ótica permitiu confirmar a existência do *percepto* em unidades terminológicas que se conceitualizam a partir de um ponto de ancoragem cultural, permitindo sustentar teórica e metodologicamente a natureza especializada desse discurso.

- Considerando a abrangência nacional da atuação das ParTra, um estudo futuro comparativo do discurso das parteiras de diferentes lugares poderia ser enriquecedor para o desenvolvimento dos estudos da TC. Entretanto, isso demandaria um trabalho de campo para compilar entrevistas de nossa autoria, envolvendo questões etnográficas que, neste momento, ultrapassam a nossa pesquisa terminológica, mas podem ser um perspectiva para o futuro.

Finalmente, esperamos que as reflexões que buscamos construir em nossa abordagem – que considera os saberes populares e tradicionais como fontes legítimas de conhecimento especializado, fundamentais para a diversidade cultural e linguística – amplie em alguma medida horizontes possíveis nos estudos terminológicos, tradicionalmente voltados para domínios técnico-científicos hegemônicos.

Referencias bibliográficas

ARCOS, M. (2024) Terminologia Cultural, oralidade e a linguagem dos saberes: termos da parteria tradicional. In: *Perspectivas Contemporâneas em Lexicografia: AmericaLex-S Congresso Inaugural/2023*. Anais...Sao Paulo(SP) USP. Disponível em: <https://www.even3.com.br/ebook/americanalex-inaugural-conference-306355/707004-TERMINOLOGIA-CULTURAL-ORALIDADE-E-A-LINGUAGEM-DOS-SABERES--TERMOS-DA-PARTERIA-TRADICIONAL>. Acesso em: 1 jul. 2025.

- ARCOS, M., BEVILACQUA, C., LOGUERCIO, S. D. (2023). Reconhecendo os termos dos saberes das Parteiras Tradicionais brasileiras: reflexões iniciais para uma abordagem cultural da Terminologia. *Revista GTLex*, Uberlândia, v. 8, pp. e0807, Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/69127>. Acesso em: 24 jun. 2025.
- CABRÉ, M.T. (1999) Terminología: representación y comunicación. Una teoría de base comunicativa y otros artículos. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, Instituto Universitario de Lingüística Aplicada. DOI: <https://doi.org/10.1075/tlrp.1>
- DIAGNE A. (2022). La reconceptualisation et l'adaptation d'expression en terminologie culturelle. *Tradterm*, 42, pp. 75-96. [Tradução: Laura Martins de Queiroz e Sandra Dias Loguercio.] Disponível em: <https://revistas.usp.br/tradterm/article/view/199041> Acesso em: 29 jun. 2025.
- DIKI-KIDIRI, M. (2009) Un enfoque cultural de la terminologia. *Debate Terminológico*, n. 5, pp. 1-5. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/riterm/article/view/23955>. Acesso em 17 jun. 2025.
- DIKI-KIDIRI, M. (dir.). (2008). *Le vocabulaire scientifique dans les langues africaines*. Pour une approche culturelle de la terminologie. Paris: Éditions Karthala.
- DIKI-KIDIRI, M. (2007) Eléments de terminologie culturelle. *Cahiers du Rifal*, Vol. 26, pp. 14-25. Disponível em: <https://termisti.ulb.ac.be/archive/rifal/PDF/rifal26/crf-26-02.pdf>. Acesso em 20 jun. 2025.
- DIKI-KIDIRI, M. (1999a) Le signifié et le concept dans la dénomination. *Meta: Translators' Journal*, n° 44, pp.573-581.
- DIKI-KIDIRI, M. (1999b) Une terminologie pour le développement. En CABRÉ, M. T.; LORENTE, M. (dir.). *Terminología y modelos culturales*. Barcelona: PPU, p. 67-74. [Tradução: Ana Carolina Oliveira Pinheiro, Felipe Rodrigo de Camargo Alves, Maria José Cecília Cardoso, Nicoly Blatt Kunkel, Thiago da Silva Prusokowski, Sandra Loguercio.]
- GAUDIN, F. (1993) Pour une socioterminologie. Des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles. Rouen: Publications de l'Université de Rouen.
- IPHAN. (2021). *Dossiê Parteiras Tradicionais do Brasil*. Recife: IPHAN/Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/assuntos/noticias/aberta-consulta-publica-sobre-os-saberes-e-praticas-das->

[parteiras-tradicionais-do-brasil/Dossi_ParteirasTradicionaisdoBrasil_diagramadoparadivulgao_compressed.pdf](#). Acesso em: 29 jun. 2025.

LA CRUZ, F. (2023) *Parteiras, enfermeiras obstétricas e obstetrizes*: e a qualificação da atenção ao parto no Brasil desde o século XIX. Disponível em: https://brazil.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/publicacao_enlace_parteiras_enfermeiras_obstetricas_e_obstetrizes_-_digital.pdf. Acesso em: 30 jun. 2025.

LARA, L. F. (1999). Término y cultura: hacia una teoría del término. En CABRÉ, M. T.; LORENTE, M. (dir.). *Terminología y modelos culturales*. Barcelona: PPU, pp. 39-60.

TEMMERMANN, R. (2004) Teoria Sociocognitiva da Terminologia. Cadernos de Tradução, n.17, p. 31-50.

Notas

[1] <https://www.ufrgs.br/termisul/>

[2] Tanto a «manteada» quanto a «puxação» são termos que nomeiam a técnica que ajuda a descolar gradualmente o bebê do útero e acomodá-lo de modo que sua cabeça se encaixe adequadamente no assoalho pélvico, favorecendo que o parto ocorra com menos chances de intercorrências.

[3] Inscrito no Livro de Registro dos Saberes. Disponível em: www.gov.br/iphan/pt-br/assuntos/noticias/oficio-saberes-e-praticas-das-parteiras-sao-patrimonio-do-brasil

[4] O texto referido aqui trata-se de uma tradução para o espanhol publicada em 2009 na revista *Debate Terminológico*, nº5. O texto original, em francês, foi publicado em 2000 pelo autor na revista *Terminologies Nouvelles*.

[5] Una vez añadida a la cultura, la nueva realidad pierde su carácter novedoso para incrementar las bases de experiencias y conocimientos de la materia colectiva y convertirse también en un arquetipo que se pueda explotar para nuevas apropiaciones.

[6] [...] conjunto de las experiencias vividas, de las producciones realizadas y de los conocimientos generados por una comunidad humana que vive en un mismo espacio y en una misma época. Esto significa que existe, por una parte, una diversidad de culturas tanto

en el espacio como en el tiempo y, por otra parte, hay un grosor de la cultura que permite a las diversas experiencias y diversos conocimientos sedimentarse en los archivos de la memoria colectiva.

[7] Para exemplificar a noção de percepto, Diki-Kidiri (1999a) menciona diferentes denominações que a bicicleta recebe em línguas africanas, refletindo características culturais específicas. No caso do sangô, a denominação *gbâzâbângâ* (cuja tradução pode ser «rodas de borracha») destaca a presença do pneu no objeto, dado que os centro-africanos foram submetidos a trabalhos forçados para a coleta de borracha vegetal durante as primeiras décadas da colonização francesa. Por isso, o elemento de borracha da bicicleta foi o que captou sua atenção, motivando a escolha desse nome para o objeto. Em línguas como o lilikô, bicicleta se diz «*nàgàsó*» («cavalo de ferro»), de modo que as escolhas parecem motivadas por analogias à funcionalidade da bicicleta, associando-a à função do cavalo (meio de transporte tradicional na cultura local) como facilitador da mobilidade. O autor demonstra por esses exemplos que o significado atribuído a um objeto se molda pelas necessidades de uma comunidade, bem como pelas suas percepções de mundo e pelo contexto histórico de cada cultura. Podemos observar que os nomes empregados pelas diferentes línguas africanas para «bicicleta» não refletem o conceito completo da palavra, mas aspectos culturalmente salientes que facilitam a compreensão do objeto dentro de cada comunidade.

[8] [...] el vocablo se volvió término técnico, pero siempre sobre la base de su significado ordinario, lo cual quiere decir que el término técnico no es una elaboración verbal ajena a los procesos de significación de las lenguas ordinarias y, en esa medida, resulta imposible enajenárselo a la cultura [...]. El vocabulario quechua de la agricultura se construyó de la misma manera, pero lo que lo distingue del del psicoanálisis es la pretensión universalista de la ciencia occidental, en tanto que el del quechua se mantendrá como propio de una especie de etnoterminología mientras no atraiga el interés especializado moderno.

[9] Para saber mais sobre a compilação do *corpus* oral e sobre o percurso metodológico de extração de terminologias e escolha de *corpus* de referência para terminologias culturais, ver Arcos (2024).

[10] <https://museudaparteira.org.br>

[11] <https://www.youtube.com/@GrupoCurumimRecife>

[12] <https://www.sketchengine.eu/>

[13] O índice de chavicidade representa a comparação da frequência de aparição de um item no *corpus* de estudo e sua frequência de aparição no *corpus* de referência. Quanto mais alta for a chavicidade de uma palavra em um *corpus*, mais representativa ela é da temática desse *corpus* textual.

[14] Para mais informações sobre este *corpus*, ver Arcos, Bevilacqua e Loguercio (2023).

[15] Conforme verbete de «despachar» no Dicionário Online de Português, disponível em: <https://www.dicio.com.br/despachar/> O verbo também é registrado no dicionário como sinônimo de parto, contudo, na linguagem das ParTra o verbo só se utiliza para referir-se à saída especificamente da placenta.

[16] Conforme verbete de fecho no Dicionário Online de Português, disponível em: <https://www.dicio.com.br/fecho/>

[17] Termos obstétricos e conceitos baseados no Glossário do grupo Parto do Princípio [tps://www.partodoprincipio.com.br/glossario](https://www.partodoprincipio.com.br/glossario)

[18] Conforme verbete de «umbilical» no Dicionário Online de Português, disponível em: <https://www.dicio.com.br/umbilical/>

[19] No original: C'est dans cette même logique que l'on adopte sans discussion les termes techniques qu'un grand spécialiste propose dans son domaine car il sait de quoi il parle et tout le monde le lui reconnaît. Qu'elle soit fixée par un éminent spécialiste ou par une communauté de spécialistes ou encore par une institution nationale ou une organisation internationale, la norme terminologique vise toujours à garantir l'excellence de la communication spécialisée grâce à une précision maximale que l'on espère atteindre au moyen d'une définition biunivoque des termes. La recherche de la qualité maximale de la communication est un objectif central en terminologie et justifie à elle seule l'établissement de normes dénominatives et conceptuelles. On peut donc considérer qu'en terminologie, comme dans bien d'autres domaines, la norme est une référence sociale définitoire d'excellence.

Nota general

El proyecto llevado a cabo por el Grupo Termisul, intitulado *A terminologia do Patrimônio Cultural Imaterial*, obtuvo financiación del Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por la convocatoria “CNPq/MCTI/FNDCT N° 18/2021 - Faixa B - Grupos Consolidados”.

La investigación de doctorado presentada en este trabajo ha sido contemplada con la beca del *Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico* (CNPq) para el período de 2021 a 2025.

Nota de los autores

Manuela Arcos es doctoranda del Programa de Posgrado en Letras de la Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPG-Let/UFRGS).

Cleci Bevilacqua fue docente del Departamento de Lenguas Modernas del Instituto de Letras de la Universidad Federal do Rio Grande do Sul y del Programa de Posgrado en Letras de la misma universidad, además de coordinadora del grupo TermiSul de investigación en Terminología, donde actúa como colaboradora actualmente.

Nota del editor

El editor responsable por la publicación de este artículo es Isabel Santamaría

Nota de contribución autoral

Extracción y análisis de datos, redacción, revisión y edición: Manuela Arcos.

Redacción, revisión y edición: Cleci Bevilacqua.

Nota de disponibilidad de datos

El conjunto de datos que apoya los resultados de este estudio no está disponible en repositorio.